

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA RIBEIRO DOS SANTOS

**OS EFEITOS DA SEPARAÇÃO DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

MARIA EDUARDA RIBEIRO DOS SANTOS

**OS EFEITOS DA SEPARAÇÃO DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof Me.Indira Feitosa Siebra
De Holanda

MARIA EDUARDA RIBEIRO DOS SANTOS

**OS EFEITOS DA SEPARAÇÃO DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS NA PRIMEIRA
INFÂNCIA**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 24/06/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROFA ME.INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA

Membro: PROF DR.FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

Membro: PROF ME.MARCOS TELES DO NASCIMENTO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

TÍTULO: Os efeitos da separação dos pais no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças na primeira infância

Maria Eduarda Ribeiro Dos Santos¹
Indira Feitosa Siebra De Holanda²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar os efeitos da separação dos pais no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças na primeira infância. Por meio de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório, foram reunidas e interpretadas produções científicas que abordam os principais impactos emocionais e comportamentais decorrentes desse processo, bem como os fatores que podem agravar ou minimizar tais efeitos. Os resultados apontam que a separação parental pode provocar sentimentos de insegurança, medo, tristeza e culpa, além de dificuldades de socialização e prejuízos no desempenho escolar. Por outro lado, vínculos afetivos seguros, suporte emocional adequado e uma rede de apoio consistente se destacam como fatores protetivos. Conclui-se que a compreensão e a intervenção precoce são fundamentais para promover o bem-estar e o desenvolvimento saudável dessas crianças.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; separação dos pais; psicologia; conflitos familiares; desenvolvimento emocional; primeira infância.

ABSTRACT

This study investigates how marital tensions and, eventually, parental separation can influence the mental health and behavior of children in early childhood, affecting their way of interacting with the world. The research was conducted through a qualitative and exploratory literature review, with the aim of gathering, examining and interpreting scientific publications that address the effects of parental conflicts on children's emotional and behavioral development. The results indicate that parental separation can generate feelings of insecurity, fear, sadness and guilt, in addition to hindering socialization and school performance. However, the presence of secure emotional bonds, adequate emotional support and a consistent support network are factors that can minimize these impacts. It is concluded that understanding and early intervention in these contexts are essential to promote healthy development and well-being in children.

Keywords: child behavioral development; emotional impact of parental separation; parental conflicts and childhood; emotional development in early childhood; divorce and child development.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: dudsribeiro2018@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: indira@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Estudos indicam que a separação parental pode desencadear sentimentos de insegurança, ansiedade e tristeza, influenciando o comportamento e as interações sociais das crianças (Raposo *et al.*, 2018). O modo como esse processo é conduzido, o nível de conflito entre os responsáveis e o suporte emocional oferecido são determinantes para a adaptação infantil. Além disso, fatores como apoio externo e desenvolvimento de resiliência podem mitigar esses impactos.

Segundo Lubi (2003), os pais desempenham papel central na estrutura familiar, atuando como modelos de comportamento, fontes de afeto e agentes fundamentais no aprendizado das crianças. Assim, compreender as implicações da separação nesse contexto é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de suporte adequadas.

O presente trabalho aborda os efeitos da separação dos pais no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças na primeira infância. O ambiente familiar desempenha um papel crucial na formação das crianças, especialmente nessa fase, que abrange do nascimento aos seis anos de idade (Papalia; Feldman, 2013). As interações parentais, marcadas por estabilidade ou por tensões, impactam significativamente a saúde mental infantil e influenciam como a criança se relaciona com o mundo.

A pesquisa busca responder à seguinte questão: quais são os principais efeitos da separação dos pais no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças na primeira infância? A relevância deste estudo manifesta-se em diversas dimensões: científica, social e pessoal. Compreender como a separação parental afeta o desenvolvimento infantil é essencial para promover olhares mais cuidadosos e humanos sobre essa realidade. Conflitos familiares nesse período podem deixar marcas profundas, afetando a saúde mental, as relações sociais e o desempenho escolar da criança.

Do ponto de vista científico, o estudo contribui para a Psicologia do Desenvolvimento, ampliando a compreensão sobre os fatores que influenciam esse processo e as estratégias que favorecem uma adaptação mais saudável. No aspecto social, destaca-se a importância de que profissionais, educadores e familiares estejam preparados para reconhecer sinais de sofrimento emocional e atuar com empatia e responsabilidade. Há também uma motivação pessoal, relacionada ao desejo de compreender melhor uma situação que afeta inúmeras crianças e que, muitas vezes, atravessa também nossas vivências ou as de pessoas próximas.

Este estudo tem como objetivo geral analisar os efeitos da separação dos pais no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças na primeira infância. De forma específica, busca-se: identificar os principais impactos emocionais e comportamentais decorrentes desse processo; compreender de que forma fatores como o nível de conflito entre os pais, a maneira como a separação é conduzida e o suporte emocional oferecido influenciam a adaptação da criança; e examinar os elementos que podem agravar ou minimizar tais efeitos. Dessa forma, espera-se não apenas oferecer uma contribuição acadêmica, mas também fomentar reflexões que auxiliem profissionais, familiares e demais envolvidos em situações de separação parental.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo e exploratório, a fim de identificar e analisar publicações científicas sobre os efeitos da separação dos pais no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças na primeira infância.

A busca pelos materiais foi efetuada nas seguintes bases de dados: SciELO, PePSIC, LILACS, Google Scholar e Periódicos CAPES. Foram utilizados descritores diretamente relacionados ao tema: “desenvolvimento comportamental infantil”, “impacto emocional da separação dos pais”, “conflitos parentais e infância”, “desenvolvimento emocional na primeira infância” e “divórcio e desenvolvimento infantil”. Os termos foram combinados com operadores booleanos, a fim de refinar os resultados.

Os critérios de inclusão abrangeram publicações que tratassem, de forma direta, da relação entre conflitos parentais e o desenvolvimento infantil na primeira infância, incluindo estudos teóricos e empíricos. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados materiais que não apresentassem vínculo com o tema proposto, focalizassem outras faixas etárias, não estivessem disponíveis nas bases de dados selecionadas.

Quanto ao recorte temporal, priorizaram-se publicações dos últimos 30 anos (1995 a 2025), com o propósito de garantir a atualização do referencial teórico, sem desconsiderar obras clássicas relevantes para a fundamentação do estudo. A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática, conforme proposta por Bardin (2011), que possibilitou a identificação de categorias e padrões recorrentes nos textos

analisados. Esta abordagem favoreceu a organização do conteúdo em núcleos de sentido, permitindo uma compreensão aprofundada dos efeitos emocionais e comportamentais da separação parental sobre crianças na primeira infância.

O procedimento metodológico foi fundamentado em referenciais da Psicologia do Desenvolvimento, visando à produção de subsídios teóricos que possam contribuir para futuras pesquisas e intervenções na área.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Desenvolvimento emocional e comportamental na primeira infância

A primeira infância corresponde a um período crucial no desenvolvimento humano, caracterizado por transformações significativas nos aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais. De acordo com Papalia e Feldman (2013, apud Lima e Santos, 2019, p. 4), “a primeira infância é o período que vai do primeiro dia do nascimento aos três anos. No Brasil, a Lei do Marco Legal da Primeira Infância considera a primeira infância o período que abrange os primeiros seis anos”. Nessa etapa, a criança inicia a formação de vínculos afetivos primários, passa a expressar e regular suas emoções e desenvolve padrões comportamentais que influenciarão suas interações futuras, sendo a autorregulação emocional um aspecto central desse processo.

A autorregulação emocional pode ser definida como a capacidade de modular emoções e comportamentos em função das demandas contextuais, constituindo-se como um dos principais indicadores de desenvolvimento emocional equilibrado. Essa habilidade é essencial para o ajustamento da criança às variadas situações sociais e aos desafios ambientais, promovendo um desenvolvimento emocional e comportamental saudável. Segundo Vygotsky (1991), o processo de autorregulação ocorre inicialmente devido a mediação dos cuidadores, que oferecem suporte para que a criança aprenda a manejar emoções e impulsos. A qualidade dessas interações é determinante para a internalização de competências emocionais, afetando diretamente a forma como a criança lida com as adversidades e regula suas respostas emocionais.

Nesse sentido, estudos apontam que as experiências vivenciadas na primeira infância têm impactos duradouros no bem-estar psicológico e na capacidade da

criança de enfrentar desafios ao longo da vida (Shonkoff & Phillips, 2000; Heckman, 2006). A interação com o ambiente e com figuras de apego exerce um papel central nesse processo, uma vez que o desenvolvimento emocional está diretamente relacionado ao suporte afetivo e às oportunidades de aprendizado social que a criança recebe (Denham *et al.*, 2015). Dessa forma, a autorregulação emocional não apenas influencia o comportamento imediato da criança, mas também sua capacidade de estabelecer relações saudáveis e lidar com situações adversas ao longo da vida.

O desenvolvimento emocional e comportamental durante a primeira infância segue etapas relativamente previsíveis, ainda que haja variações individuais. Desde o nascimento, a criança constrói suas primeiras interações emocionais e sociais, que vão se tornando progressivamente mais complexas. Nos primeiros meses de vida, estabelece vínculos afetivos com os cuidadores, especialmente por meio do apego, fundamental para a formação de uma base segura. Nesse período inicial, as emoções básicas, como alegria, tristeza, medo e raiva, são expressas predominantemente através do choro, do sorriso e de reações corporais, sendo possível observar também a preferência por rostos humanos e a resposta a estímulos vocais, o que marca o início das interações sociais (Ribas; Souza, 2020).

Entre o primeiro e o segundo ano de vida, a criança busca realizar ações de forma independente, como andar, alimentar-se e manipular objetos, indicando o surgimento da autonomia. Esse momento é marcado pela autoafirmação, frequentemente expressa pelo uso do “não”, característico da fase de oposição. As emoções tornam-se mais variadas e intensas, sendo comuns episódios de frustração diante de limites impostos pelos adultos, assim como a manifestação da angústia de separação, que se evidencia pela dificuldade em afastar-se da figura de apego (Lemos; Magiolino; Silva, 2022).

A partir dos dois anos, observa-se um avanço na consciência de si, com a criança percebendo-se como um indivíduo distinto dos demais. A imitação de comportamentos sociais se intensifica, especialmente por meio das brincadeiras simbólicas. Contudo, a capacidade de regulação emocional ainda é limitada, resultando em episódios frequentes de birra diante de situações de frustração. Nessa fase, emergem manifestações iniciais de empatia, como tentativas de consolar alguém que esteja triste ou machucado (Rodrigues, 2011).

Entre os três e quatro anos, há um desenvolvimento mais evidente da empatia e da interação social, com a brincadeira tornando-se mais cooperativa e estruturada.

A criança passa a compreender regras sociais simples, como esperar a vez e compartilhar brinquedos. Embora o autocontrole emocional ainda dependa da mediação dos adultos, observa-se a elaboração de estratégias próprias para lidar com as emoções (Batista; Pasqualini; Magalhães, 2022).

Dos quatro aos seis anos, ocorre uma compreensão mais clara dos próprios sentimentos e dos sentimentos alheios, bem como um progresso na capacidade de autocontrole, permitindo lidar com frustrações e conflitos de maneira mais adequada. As brincadeiras tornam-se mais elaboradas e desempenham papel fundamental na elaboração das emoções, na experimentação de papéis sociais e na internalização de normas culturais. Além disso, intensifica-se o interesse por relações sociais, com o desejo de estabelecer amizades e ser aceita em grupos, o que contribui para o desenvolvimento da identidade e da autoestima (Rodrigues, 2011; Lemos; Magiolino; Silva, 2022;).

Paralelamente, ocorre o refinamento das habilidades emocionais e sociais, com a criança expressando seus sentimentos de forma mais verbalizada, compreendendo melhor as regras sociais e demonstrando maior controle sobre suas emoções. Nesse contexto, a internalização de normas culturais e uma regulação emocional mais eficiente favorecem a interação social adaptativa (Denham *et al.*, 2015).

O papel dos cuidadores revela-se essencial nesse processo, especialmente no desenvolvimento da autorregulação emocional. Conforme Bowlby (1988), um apego seguro, construído a partir de interações responsivas e afetuosas entre a criança e seus cuidadores, contribui para a formação de um senso de segurança emocional, possibilitando maior controle emocional e habilidades sociais ajustadas. Assim, crianças que vivenciam ambientes seguros e estáveis tendem a apresentar maior capacidade de regulação emocional, enquanto aquelas expostas a ambientes instáveis podem enfrentar dificuldades nesse aspecto.

Ademais, a forma como a criança percebe e interpreta as consequências das expressões emocionais, tanto próprias quanto alheias, desempenha um papel crucial na regulação emocional. Crianças que conseguem compreender as reações geradas pelas emoções demonstram maior habilidade para controlar seus sentimentos e responder adequadamente às emoções dos outros. Dessa maneira, a compreensão emocional configura-se como um componente essencial da competência emocional, favorecendo simultaneamente a expressão e a regulação das emoções (Denham *et al.*, 2015).

2.2.2 Separação dos pais: contexto e implicações

A separação dos pais constitui um fenômeno multifacetado, decorrente de múltiplos fatores que variam conforme a dinâmica específica de cada casal. Conforme apontado por estudos, os motivos mais frequentes para a dissolução das uniões envolvem conflitos recorrentes, infidelidade, incompatibilidade de personalidades e desgaste da relação amorosa. Aspectos como dificuldades na comunicação, intensidade dos conflitos e estratégias inadequadas de resolução também são preditores importantes do término conjugal (Béguin; Béguin, 2012).

Além disso, a parentalidade, embora idealizada como um momento de maior conexão entre os parceiros, pode gerar desafios que afetam diretamente a qualidade da relação, dado o impacto das alterações na rotina, redistribuição de funções e acúmulo de responsabilidades emocionais e físicas (Béguin, 2012). As transformações sociais contemporâneas, que valorizam a individualidade e a realização pessoal, também influenciam o equilíbrio entre autonomia e vida conjugal, contribuindo para a complexidade na manutenção da relação (Féres-Carneiro, 2004).

A separação dos pais implica profundas reconfigurações na estrutura familiar, principalmente quando há filhos pequenos envolvidos. Para crianças em idade pré-escolar, a maneira como a separação é conduzida tem influência direta no seu desenvolvimento emocional, sendo essencial a preservação de um ambiente afetivo estável, capaz de proporcionar segurança, previsibilidade e acolhimento (Beltrame; Bottoli, 2010).

Com a formação de dois lares distintos, a criança deve adaptar-se a contextos variados, rotinas diferenciadas e estilos diversos de cuidado, o que pode ocasionar sentimentos de insegurança, confusão e perda, especialmente se ocorrer enfraquecimento dos vínculos afetivos ou redução do convívio com um dos genitores (Wagner; Mosmann; Tiburski, 2010). Ademais, a redistribuição das responsabilidades parentais, com um dos cuidadores assumindo maior parte das tarefas cotidianas e o outro adotando um papel mais distante, pode impactar o vínculo emocional da criança, reforçando a importância da coparentalidade colaborativa pautada no respeito e diálogo (Beltrame; Bottoli, 2010).

A vivência da separação dos pais na primeira infância, período crucial para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, pode provocar diferentes reações emocionais e comportamentais. Entre os efeitos mais comuns destacam-se

sentimentos de insegurança, medo e abandono, uma vez que a criança, com capacidades cognitivas ainda em formação, pode interpretar a ausência parental como rejeição, resultando em tristeza e culpa (Féres-Carneiro, 2004).

A quebra da rotina e a possível diminuição do contato com um dos cuidadores comprometem a previsibilidade ambiental, essencial para o desenvolvimento emocional saudável. Aumento da ansiedade de separação, regressões comportamentais como enurese noturna e dificuldades para dormir, maior dependência dos adultos, irritabilidade e sintomas psicossomáticos são frequentemente observados nessa faixa etária (Béguin; Béguin, 2012).

A adaptação da criança ao processo de separação está diretamente relacionada aos fatores de risco e proteção presentes no contexto familiar. Entre os fatores de risco, destacam-se a exposição a conflitos intensos entre os pais, o envolvimento da criança em disputas conjugais, negligência emocional, ausência prolongada de um dos cuidadores, quebra das rotinas e exposição a comentários negativos sobre o outro genitor ou processos judiciais (Féres-Carneiro, 2004; Wagner; Mosmann; Tiburski, 2010). Tais fatores podem gerar ansiedade, sentimentos de culpa e prejuízos no desempenho escolar e social da criança.

Por outro lado, fatores de proteção como a manutenção do vínculo afetivo com ambos os pais, estabilidade nas rotinas, suporte emocional adequado e a presença de uma rede de apoio composta por familiares, escola e profissionais contribuem para minimizar os impactos negativos da separação (Beltrame; Bottoli, 2010; Béguin; Béguin, 2012). A escuta ativa e a validação das emoções infantis favorecem a elaboração saudável da experiência do divórcio.

O papel dos cuidadores é fundamental para o desenvolvimento emocional e comportamental da criança durante e após a separação parental. Um ambiente afetivo seguro e responsivo, que promova vínculos de apego seguros, contribui para o controle emocional e o desenvolvimento de habilidades sociais adequadas (Bowlby, 1988).

Quando a separação ocorre em meio a conflitos ou ausência de responsabilidade parental, há maior risco de formação de apego inseguro, associado a comportamentos ansiosos, ambivalentes ou evitativos, que comprometem a capacidade de confiar, regular emoções e estabelecer relações interpessoais saudáveis. Comportamentos externalizantes, como agressividade e birras frequentes,

podem manifestar emoções difíceis de expressar verbalmente, indicando a necessidade de atenção e acolhimento adequados (Bowlby, 1988).

A instabilidade emocional decorrente de conflitos familiares prolongados também pode afetar a socialização, o desempenho escolar e a motivação da criança, ressaltando a importância do suporte psicossocial e da colaboração entre família e escola para a promoção do desenvolvimento infantil saudável (Gonçalves, 2023).

Um ambiente afetivo estável e o apoio consistente dos cuidadores são fundamentais para minimizar os impactos da separação conjugal no desenvolvimento infantil. A manutenção de vínculos saudáveis com ambos os genitores, aliada à previsibilidade nas rotinas e ao suporte emocional, proporciona à criança segurança e favorece sua adaptação à nova configuração familiar. Além disso, a presença de uma rede de apoio, incluindo familiares, escola e profissionais especializados, contribui significativamente para um desenvolvimento emocional, social e cognitivo mais saudável, reforçando a importância de práticas parentais colaborativas e respeitadas que priorizem o bem-estar da criança.

2.2.3 Impactos emocionais da separação parental na primeira infância

A separação dos pais representa uma mudança significativa na vida da criança, especialmente na primeira infância, período em que os vínculos afetivos e a estabilidade emocional desempenham um papel central no desenvolvimento. Nessa fase, a criança ainda está desenvolvendo sua compreensão sobre o mundo e sobre as relações interpessoais, sendo altamente sensível às alterações no ambiente familiar (Souza; Hutz, 2010).

A ruptura da convivência entre os pais pode gerar sentimentos profundos de insegurança, medo e abandono. Como a criança pequena ainda possui uma noção limitada de tempo e permanência dos vínculos, a ausência de um dos genitores pode ser interpretada como um abandono definitivo, o que desencadeia reações emocionais intensas (Crepaldi *et al.*, 2006). Esses sentimentos são potencializados quando a separação envolve conflitos conjugais, mudanças bruscas na rotina ou afastamento prolongado de um dos cuidadores principais.

Além disso, o modo como os pais comunicam a separação à criança e o suporte emocional que oferecem nesse momento influenciam diretamente a forma como ela lida com a situação. Quando há falta de diálogo e acolhimento, a criança pode

desenvolver sentimentos de culpa, rejeição e solidão, o que impacta negativamente sua autoestima e sua percepção de segurança (Zordan; Costa, 2017).

A ansiedade de separação, natural na primeira infância, pode se intensificar em contextos de divórcio ou dissolução familiar. A criança pode demonstrar resistência ao afastamento do genitor com quem reside, além de apresentar sintomas como regressão comportamental, alterações no sono e apetite, além de maior irritabilidade e dificuldade de concentração (Piccinini; Alvarenga; Lopes, 2013). Essas reações são compreendidas como formas de expressar o sofrimento frente a um ambiente familiar que se tornou imprevisível.

Pesquisas indicam que o suporte emocional contínuo de ambos os pais após a separação, bem como a manutenção dos vínculos afetivos com a criança, são fatores protetivos importantes. Já situações de alienação parental, negligência ou exposição constante a conflitos entre os genitores podem gerar impactos mais duradouros no desenvolvimento emocional e social da criança (Souza; Hutz, 2010).

A separação dos pais pode comprometer a qualidade do vínculo afetivo que a criança estabelece com os seus cuidadores, especialmente quando há ausência física ou emocional de um dos genitores. Segundo a teoria do apego de Bowlby (1984), o desenvolvimento de um apego seguro depende da presença consistente e responsiva de uma figura cuidadora. Quando essa presença é interrompida ou marcada por instabilidade emocional, como ocorre em separações conflituosas, a criança pode desenvolver um padrão de apego inseguro, caracterizado por medo de abandono, hipervigilância e dificuldades na autorregulação emocional (Crepaldi; Costa; Schmidt, 2006).

Apego inseguro na primeira infância está associado a comportamentos internalizantes e externalizantes, como ansiedade, evitação social, dependência excessiva ou atitudes desafiadoras frente a figuras de autoridade (Souza; Hutz, 2010). Essas manifestações refletem tentativas da criança de lidar com a insegurança emocional gerada pela perda da convivência regular com ambos os pais ou pela exposição a conflitos constantes.

É comum que crianças pequenas expressem seu sofrimento emocional por meio de alterações comportamentais. A agressividade verbal ou física, as birras intensas e as regressões (como voltar a urinar na cama ou a falar como bebê) podem ser formas de comunicar angústias para as quais ainda não possuem recursos verbais suficientes (Zordan; Costa, 2017).

Esses comportamentos não devem ser interpretados como simples “birras”, mas como um chamado por atenção e segurança. Quando a criança não encontra espaço emocional para expressar suas dúvidas e sentimentos em relação à separação dos pais, tende a recorrer a formas mais intensas e corporais de expressão (Piccinini; Alvarenga; Lopes, 2013). Se não houver acolhimento e contenção emocional por parte dos cuidadores, essas manifestações podem se intensificar e comprometer o ajustamento emocional ao longo do desenvolvimento.

A instabilidade emocional causada pela separação parental também pode impactar negativamente o processo de socialização e o desempenho escolar da criança. O ambiente escolar, por exigir regras, convivência com colegas e tarefas cognitivas, pode se tornar um desafio ainda maior quando a criança está vivenciando inseguranças emocionais em casa (Crepaldi *et al.*, 2006). Pesquisas apontam que crianças de famílias desestruturadas têm maior probabilidade de apresentar dificuldades na adaptação escolar, na construção de vínculos com pares e professores, bem como na concentração e no controle de impulsos (Souza; Hutz, 2010).

Quando a separação parental não é acompanhada de suporte emocional adequado, a criança pode ter dificuldade em desenvolver habilidades socioemocionais fundamentais, como empatia, cooperação e resolução de conflitos. A longo prazo, isso pode comprometer sua autoestima, autonomia e o senso de pertencimento em ambientes sociais (Zordan; Costa, 2017).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que a separação dos pais, especialmente quando acompanhada de conflitos intensos e ausência de suporte emocional, pode impactar negativamente o desenvolvimento emocional e comportamental de crianças na primeira infância. Este período, marcado por intensos processos de formação da identidade e das competências socioemocionais, torna a criança particularmente vulnerável às mudanças e instabilidades no ambiente familiar.

Os estudos analisados indicam que a separação pode desencadear sentimentos de insegurança, medo, culpa e tristeza, além de favorecer a manifestação de comportamentos regressivos e dificuldades na socialização e no desempenho escolar. Por outro lado, quando há o suporte emocional adequado, a manutenção de

vínculos afetivos seguros com ambos os pais e a presença de uma rede de apoio consistente, os impactos negativos podem ser atenuados, favorecendo o desenvolvimento saudável da criança.

Dessa forma, destaca-se a importância de intervenções psicossociais que orientem e apoiem as famílias em processo de separação, bem como a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso a serviços especializados. Além disso, profissionais da saúde, educação e assistência social devem estar preparados para identificar sinais de sofrimento emocional e oferecer acolhimento às crianças e seus responsáveis.

Por fim, este estudo contribui para ampliar a compreensão sobre a temática, ressaltando a complexidade das experiências infantis frente à separação parental e a necessidade de abordagens que priorizem o bem-estar e os direitos das crianças.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>

BATISTA, J. B.; PASQUALINI, J. C.; MAGALHÃES, G. M. Estudo sobre Emoções e Sentimentos na Educação Infantil. *Educação & Realidade*, v. 47, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6nCXpfX6gbPgtfBjMybqcsP>. Acesso em: 05 abr. 2025.

BÉGUIN, C.; BÉGUIN, P. A. Relação conjugal: desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 14, n. 1, p. 52-65, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/8hqNMbQhrRB7mmcBXG7kRMf/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BELTRAME, G. R.; BOTTOLI, C. Coparentalidade e guarda compartilhada: desafios e possibilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n. 2, p. 380-393, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/nxSFH5djGgNccLPsJpCs6Zg/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BOWLBY, J. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas 1988.

CREPALDI, M. A.; COSTA, T. V. V.; SCHMIDT, B. Crianças frente à separação dos pais: considerações sobre o acompanhamento psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 341–348, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/Ks9PpFyvnddZKdNXmHJbRQj>. Acesso em: 08 abr. 2025.

DENHAM, S. A.; BASSETT, H. H.; ZINSSER, K. Early childhood teachers as socializers of young children’s emotional competence. *Early Childhood Education Journal*, v. 43, n. 3, p. 197-206, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10643-014-0648-8>. Acesso em: 28 abr. 2025.

DENHAM, S. A.; BASSETT, H. H.; BROWN, C.; WAY, E.; STEED, J. I know how you feel: preschoolers’ emotion knowledge contributes to early school success. *Journal of Early Childhood Research*, v. 13, n. 3, p. 252-262, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1476718X13497354>. Acesso em: 28 abr. 2025.

EYMANN, A.; BUSANICHE, J.; LLERA, J.; CUNTO, C. D.; WAHREN, C. Impacto da separação sobre a qualidade de vida de crianças em idade escolar. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 85, n. 6, p. 547–552, 2009. DOI: <https://doi.org/10.2223/JPED.1958>.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p. 313-320, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WGzgV8McnFxCvXdy3wndy4F/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

GONÇALVES, Gabriela de Oliveira; LOPES, Hariel Cardoso; FERNANDES, Raphaela Mouco; NOBRE, Thalita Lacerda. O divórcio e a criança na primeira infância: explorando os aspectos emocionais. *Psicologia & Informação*, São Bernardo do Campo, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2023. Disponível em:

<https://revistas.metodista.br/index.php/psicologoinformacao/article/download/1040/1105/4105>. Acesso em: 28 abr. 2025.

HECKMAN, J. J. Skill formation and the economics of investing in disadvantaged children. *Science*, v. 312, n. 5782, p. 1900-1902, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1128898>. Acesso em: 28 abr. 2025.

LEMOS, A. S. C.; MAGIOLINO, L. L. S.; SILVA, D. N. H. Desenvolvimento e personalidade: o papel do meio na primeira infância. *Educação & Realidade*, v. 47, p. 1–13, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/nvw7HH3yLHxtLgDgJtvfY7K/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

LIMA, M. M. de; SANTOS, M. B. dos. Desenvolvimento na primeira infância: A importância dos primeiros anos de vida. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.fps.edu.br/bitstream/4861/347/1/TCC%20Primeira%20Inf%C3%A2ncia%2003.09.19.pdf>.

LUBI, A. P. L. Estilo parental e comportamento socialmente habilidoso da criança com pares. In: BRANDÃO, M. Z.; CONTE, F. C. S.; BRANDÃO, F. S.; INGBERMAN, Y. K.; MOURA, C. B.; SILVA, V. M. (Org.). *Sobre comportamento e cognição Vol. 11: A história, os avanços, a seleção por conseqüências em ação*. Santo André: Esetec, 2003. p. 536-541.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PICCININI, C. A.; ALVARENGA, P.; LOPES, R. S. Desenvolvimento emocional na infância: uma leitura psicodinâmica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 29, n. 2, p. 125–134, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/T9TLvZYT38jSgXJyzV4XpWq>. Acesso em: 8 abr. 2025.

RAPOSO, H. S.; FIGUEIREDO, B. F. de C.; LAMELA, D. J. P. do V.; NUNES-COSTA, R. A.; CASTRO, M. C.; PREGO, J. Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, v. 38, n. 1, p. 29–33, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000100007>.

RIBAS, M. A. C.; SOUZA, C. R. S. Impacto do cuidado para o desenvolvimento saudável da criança na primeira infância. *Educação em Análise*, v. 5, n. 1, p. 121–142, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/40432>. Acesso em: 5 abr. 2025.

RODRIGUES, S. A. Expressividade e emoções na primeira infância: um estudo sobre a interação criança-criança na perspectiva walloniana. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v. 16, n. 17, 2011. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/342>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SHONKOFF, J. P.; PHILLIPS, D. A. (Eds.). *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development*. National Academy Press, 2000.

SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. Reações emocionais de crianças à separação dos pais: uma revisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, n. 4, p. 647–655, 2010.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/nbgRrbgzmhgZJmW4kYc9z7c>. Acesso em: 8 abr. 2025.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAGNER, A.; MOSMANN, C.; TIBURSKI, H. O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, n. 2, p. 262-270, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/pjG8SyDWdPgGJJhT6rDHNcP/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ZORDAN, E. P.; COSTA, L. L. Crianças e separação conjugal dos pais: perspectivas de proteção e vulnerabilidade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 22, n. 1, p. 35–44, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/5KrqHT8ZsLjK6KYz8MwQySp>. Acesso em: 8 abr. 2025.